

~~RAIMUNDO FIRMINO CRUZ MARTINS~~~~Arquiteto da Cotonicultura Paulista~~

Embora já tivesse sido noticiado o falecimento do Dr. Cruz Martins com dados sucintos de sua vida, no volume anterior de O Agrônomo, sua figura ilustre exigiu a publicação mais completa acerca de sua contribuição à cotonicultura brasileira.

~~Popílio Augusto CAVALERI⁽¹⁾~~

“ Raimundo Firmino Cruz Martins nasceu em 19 de dezembro de 1898 em Caxias (MA) e faleceu em 29 de outubro de 1984. ”

Formado na Escola Superior de Agricultura do Rio de Janeiro, em 1920, como primeiro aluno da turma, recebeu Bolsa de Estudos do Ministério de Agricultura para um Curso de Especialização sobre a Cultura do Algodoeiro. Graças a essa Bolsa, permaneceu nos EUA por dois anos (1921-1923), percorrendo vários centros de estudos da cultura, e tendo oportunidade de estagiar por doze meses com o Dr. H. B. Brown, renomado especialista em cotonicultura.

Regressando ao Brasil, começou a trabalhar, a partir de 1924, no Instituto Agrônomo de Campinas, onde desenvolveu intensa atividade referente a programas de melhoramento e experimentação relativa à técnica do cultivo do algodoeiro, inicialmente como Chefe de Cultura e, em 1926, como Chefe da Seção de Algodão, depois transformada em Seção de Agronomia. De 1935 até 1941, passou a chefiar o Serviço Científico do Algodão, no Instituto Agrônomo de Campinas.

Durante todo esse período, pôde demonstrar cabalmente suas características de criatividade e liderança, executando intensa atividade científica e exercendo marcante atuação na formação de sólida e entusiasmada equipe de jovens pesquisadores, com os quais exerceu decisiva participação em uma série de eventos históricos de profundo significado, no próprio desenvolvimento da agricultura paulista.

Sua atuação no período 1924-1941 caracterizou-se por uma série de iniciativas pioneiras, todas de grande alcance na definição da decisiva relação entre a pesquisa e o desenvolvimento de uma região. Assim é que, já em 1924, dava início à implantação de metodologia objetiva e segura, baseada na experimentação de campo e avaliação de resultados mediante análises de ensaios. Neste caso, deve-se mencionar o estudo preliminar, a partir de 1924, da coleção de 70 variedades existentes no Instituto Agrônomo, observando-lhes o comportamento no campo e elegendando, inicialmente, as mais promissoras. No mesmo ano, passava a estudar, simultaneamente, ensaios de adubação. Com base nas observações da coleção, elegeu 21 variedades de algodão com material obtido de pesquisas regionais. Esse trabalho resultou na criação das primeiras variedades paulistas de algodão, originárias das variedades Express e Texas, e que tiveram marcante influência no estabelecimento da cultura de algodão em 1930, quando o País

~~(¹) Pesquisador Científico, Engenheiro-Agrônomo, Seção de Algodão, Divisão de Rantias Industriais, Instituto Agrônomo, Campinas, SP.~~

VIRE

assistia a uma profunda transformação na distribuição de sua área algodoeira, com seu deslocamento do Nordeste para o Sul, predominando aí o Estado de São Paulo. A área de plantio neste Estado, que não representava mais de 3% da safra nacional, em 1930, passou a representar, já em 1934, mais de um terço dela. As exportações pelo porto de Santos, que, em 1930/33 foram de pouco mais de 1% do total exportado pelo Brasil, elevaram-se em 1934 a mais de 50% daquele total. O surto que então se observou na cultura do algodão em São Paulo possibilitou registrar, na década 1930/40, um aumento superior a 30-vezes à produção algodoeira.

Esses resultados motivaram um desusado interesse de todo o mundo algodoeiro, admirado com a crescente participação do algodão brasileiro no mercado externo da importante matéria-prima. Assim é que, em 1941, uma delegação americana, chefiada pelo Dr. T. W. Schultz, era enviada a São Paulo para analisar o fenômeno de tão marcante desempenho. Suas observações foram entusiásticas quanto ao que pôde observar, como se verifica pela seguinte afirmação constante de seu relatório: "O programa de algodão desenvolvido em São Paulo supera tudo que se tenha feito no sentido de controlar o desenvolvimento de sementes melhoradas e de garantir seu uso generalizado. Este programa está intimamente ligado à pesquisa que, em São Paulo, centraliza-se em Campinas. Nós podemos aprender muito com o Brasil a este respeito. É um trabalho que eles têm feito excepcionalmente bem".

Tal tipo de comentário, por si só, pode atestar o alto valor do que se realizou, firmado no programa desenvolvido sob a liderança do Dr. Raimundo Cruz Martins, e fazer compreender a marcante influência deste fato sobre todas as transformações decorrentes na agricultura paulista. Para que isso ocorresse, foi preciso em várias áreas, a atuação pioneira de Raimundo Cruz Martins, entre as quais convém destacar as seguintes: a compreensão do valor do ensaio regional, levando à realização, no período 1935-1941, de extensa programação experimental, cobrindo praticamente todo o Estado de São Paulo com instalação de ensaios de variedades, épocas de plantio, capação, desbastes e espaçamento, nos Campos de Cooperação de Algodão; implantação do sistema de Campos de Cooperação para a produção de sementes melhoradas de algodão a partir de 1927; unificação dos serviços de algodão junto ao IAC, abrangendo a pesquisa, a extensão, a produção de sementes nesses campos e a fiscalização, pela criação do Serviço Científico do Algodão em 1935, com a exclusividade de execução do programa de distribuição de sementes (Decreto 5.437, de 15 de março de 1932) e estabelecimento definitivo do controle dos trabalhos de melhoramento, seleção, multiplicação e distribuição de sementes de algodão para o Estado, por meio do mesmo Serviço (Decreto 7.312, de 5 de julho de 1935); estabelecimento da Carteira de Seguro contra o granizo em 1939; transferência de tecnologia com assistência técnica direta aos lavradores, pela equipe de especialistas do Serviço Científico do Algodão, com base no Boletim Instruções Práticas sobre a Cultura do Algodoeiro, resumindo e divulgando todos os resultados disponíveis no campo da pesquisa. Esse Boletim teve várias edições, recobrando, até os fins da década de 1940, todos os programas de assistência técnica à cotonicultura, publicações dos resultados das pesquisas nas revistas especializadas da época, em muitos artigos e uma série ininterrupta de relatórios detalhados sobre os programas desenvolvidos.

Com base em todas essas iniciativas, Cruz Martins e sua equipe ganharam prestígio e a confiança de todas as classes direta ou indiretamente ligadas à produção de algodão, conseguindo, assim estabelecer uma sólida estrutura técnica, com reflexos

econômicos muito expressivos. O retorno social dos investimentos realizados com esse Sistema foram avaliados por economistas americanos em 95%, considerado excelente quando comparado, por exemplo, ao retorno social obtido com os investimentos realizados com o milho híbrido nos EUA, no mesmo período, estimado em 35%.

Fundamentado nesse sistema, o algodoeiro é, ainda hoje, a única cultura em São Paulo a utilizar sementes selecionadas de origem conhecida, em toda a área de plantio, fato esse, na realidade, observado desde 1935, quando Cruz Martins estabeleceu o alicerce de controle técnico total da produção de sementes a partir do melhoramento.

A liderança técnica exercida por Cruz Martins foi decisiva, também, para a formação de uma equipe de especialistas, aos quais inculuiu características de entusiasmo e eficiência de trabalho, sucessivamente passadas às quase quatro gerações de pesquisadores que deram e dão continuidade nestes quase sessenta anos ao trabalho então iniciado.

O enorme sucesso alcançado pela aplicação da técnica agrônômica do algodão inspirou decisivamente a reforma da Secretaria de Agricultura em 1942, permitindo que ela pudesse estender a assistência técnica a toda a agricultura de modo geral.

A partir daí, a complexa estrutura assistencial da Secretaria, que contém em seu bojo várias das características básicas do Serviço Científico do Algodão, foi evidentemente sofrendo os ajustes necessários para adaptação às novas condições estruturais. Com base neste Sistema, São Paulo pôde acelerar a transformação de sua estrutura agrícola. De um Estado tipicamente monocultor de café, foram os agricultores diferenciando sucessivamente suas atividades. Posteriormente a 1944, depois de atingir o auge de sua expansão de área estadual, o algodoeiro deu lugar à formação de pastagens de engorda e a uma série de produtos básicos de alimentação, como milho, arroz e amendoim.

Desse modo, os trabalhos de Cruz Martins vieram contribuir direta e indiretamente para uma profunda diversificação da agricultura paulista e, conseqüentemente, para seu aprimoramento técnico. Esta diversificação continua em marcha, sempre com base e apoio nos dados proporcionados pela pesquisa. Como se pode verificar no Prognóstico 1983/1984, São Paulo apresenta hoje mais de dez culturas com área superior a 100.000 hectares, todas elas com marcantes reflexos tecnológicos decorrentes da absorção de resultados da pesquisa. Talvez mais impressionante do que estes aspectos seja o fato que, para atingir 80% da renda bruta da agricultura paulista, deva-se incluir quase 25 culturas.

Sem dúvida; na base de toda esta transformação tecnológica, vislumbra-se a atuação pioneira de Raimundo Cruz Martins, que, graças à sua competência e liderança, exerceu ao longo de suas atividades, cargos de relevante destaque dentro do panorama agrícola paulista: Diretor do Fomento Agrícola, Diretor-Geral da Secretaria de Agricultura, Diretor-Geral do Departamento de Defesa Sanitária e, finalmente, em 1955, Secretário de Estado da Pasta da Agricultura. Em todos esses cargos de destaque, deixou marcada sua indelével característica de empreendedor e de autêntico líder de toda a classe agrônômica paulista e brasileira. Seu desaparecimento deixa saudade e tristeza, mas o seu trabalho é motivo de orgulho para toda a classe de pesquisadores, principalmente àqueles que têm, como Cruz Martins, a perfeita noção do valor social no desempenho de uma missão tão nobre e objetiva, tal seja a pesquisa agrônômica, relacionada à solução de problemas específicos e reais observados ao nível de produção.¹⁾